

## **De protagonistas a coadjuvantes dentro dos canteiros de obras**

*Yan Boechat*

A história de Francisco Gomes Filho é quase um clichê na indústria da construção civil brasileira. Nordestino, pobre e sem estudos, Francisco trocou as terras secas da cidade cearense de Crateús pelos canteiros de obras paulistas. Começou como servente de pedreiro e, após 15 anos construindo edifícios, fábricas e casas, chegou ao topo da carreira sem praticamente nenhuma formação técnica. Virou mestre de obras aprendendo com seus superiores, que, por sua vez, também não tiveram nenhuma formação formal e adquiriram seu conhecimento repetindo o que os mais velhos faziam.

Apesar de fazer parte de um ciclo de transmissão de conhecimento e poder dentro da construção civil brasileira que se repete quase sem alteração há séculos, a história de Francisco começa a se transformar em uma exceção. Cada vez menos pessoas como ele, sem formação, com um conhecimento fortemente empírico, terão espaço de destaque nos canteiros de obras. Principalmente naqueles comandados pelas grandes e agora capitalizadas construtoras brasileiras, que passam, nesse momento, por um acelerado processo de industrialização.

No lugar de antigos e experimentados operários que passaram por todas as fases de uma obra estão chegando profissionais novos, que nunca viraram cimento, nunca pegaram realmente no pesado, e adquiriram seus conhecimentos nas ascéticas salas de aula das escolas técnicas.

Os técnicos em edificações estão ocupando o espaço dos mestres de obras. Com um forte conhecimento técnico e teórico, eles se adaptam com muito mais rapidez às novas tecnologias e aos novos processos. Mas mais que isso, assimilam com tranquilidade as novas funções de um chefe no canteiro de obras. "Essa é a grande diferença que está ocorrendo, o papel do mestre, como executor, perdeu importância, e o de supervisor, de controlador de todas as etapas, desde a logística à qualidade da execução, vai se sobressaindo", diz Alcides Gonçalves, da Rossi.

É um sinal claro da mudança que o setor está passando. Pela primeira vez na história da construção civil brasileira o processo produtivo está deixando de ser artesanal em larga escala. E pela primeira vez também está faltando espaço para profissionais experientes como Francisco Gomes.

Com a industrialização crescente do setor, a entrada de novas tecnologias, a necessidade de uma construção rápida e com poucas perdas, o processo de tentativa e erro que sempre foi aplicada pelos mestres de obras tradicionais vem perdendo espaço. Francisco, que já foi regra, vai virando exceção por que tem conseguido sobreviver a essas mudanças aceleradas.

A perda de poder dos mestres de obras não é a mudança mais radical na indústria da construção civil brasileira nos últimos anos. Mas é provavelmente a mais emblemática. Assim como os pilotos de avião ou outros postos de altíssima independência na operação das funções, o mestre sempre foi o general no canteiro de obras. Cabia a ele não apenas assegurar a execução de um projeto, mas controlar os ânimos da equipe, enfim, como gosta de dizer Francisco, ser o xerife. "Até pouco tempo se o mestre não gostasse do engenheiro ou vice e versa, quem saía era o engenheiro, ele era um profissional fundamental na condução de uma obra", diz Antônio Carlos Zorzi, diretor de operações da Cyrela.

Esse poder concentrado em um profissional que muitas vezes mal sabia ler e escrever, sem conhecimento teórico algum é uma herança direta das associações de artesãos surgidas na Idade Média. E também um exemplo da forma artesanal com que a construção civil se desenvolveu no Brasil. "Esse é um dos poucos setores em que, no final do século XX, os insumos ainda eram processados no local", diz Hugo Marques da Rosa, presidente da Método Engenharia.

A forma como Francisco aprendeu sua profissão e como conquistou espaço e poder na carreira difere pouco do que ocorria nas antigas Corporações de Ofício medievais. Assim como

aconteceu com ele nos anos 80 e 90, artesãos da construção civil se formavam há 500, 600 anos. A terminologia que classifica hierarquicamente os profissionais em um canteiro de obras também mudou pouco de lá para cá. Aprendiz, meio-oficial, oficial, contra-mestre e a palavra mestre, que identifica o mais sábio entre os profissionais, vêm diretamente das Corporações de Ofício.

Com a profissionalização crescente nas empresas de ponta, que hoje prestam contas a investidores internacionais, esse ciclo está sendo quebrado. "É um processo que não tem mais volta, em 10 anos não veremos mais um mestre de obras em atuação nas principais empresas do mercado", diz Maurício Bianchi, diretor de tecnologia do Sinduscon-SP. Não por acaso, começa a ganhar corpo a proposta de extinguir oficialmente o cargo de mestre de obras.

Nas principais empresas esse processo já teve início. Na maior parte delas o número de mestre de obras vem caindo rapidamente. Permanecem os que conseguem se adaptar às novas tecnologias e, principalmente, às novas atribuições que lhe vêm sendo dadas. "Não contratamos mais mestres de obras e os que permanecem conosco são apenas aqueles que estão há muito tempo e conseguiram se adaptar", diz Marques da Rosa, da Método, que, hoje, tem apenas três mestres em sua folha de pagamento.

Mesma coisa tem feito a Cyrela. A empresa ainda mantém os mestres em seus canteiros, mas raramente contrata novos profissionais. "Eles ainda permanecerão porque têm um controle sobre os operários, apenas com os técnicos que estão assumindo suas funções, poderia haver uma crise de liderança nos canteiros, e isso ninguém quer", diz Zorzi.

A habilidade de lidar com uma categoria de profissionais com pouco conhecimento técnico sempre foi um dos grandes atributos dos mestres de obras. Vindos da mesma realidade, com os mesmos códigos e experiência de vida, os mestres e os operários sempre falaram a mesma língua. E isso sempre foi fundamental no desenvolvimento de uma obra. "É preciso reconhecer o valor desses profissionais, que mesmo sem ler, conseguiam ter uma visão espacial incrível, conseguiam tocar projetos complexos e traduzir o que os engenheiros queriam para os operários", diz Alcides Gonçalves, diretor de engenharia da Rossi.

Francisco tem plena consciência de que os tempos mudaram. A cada dia observa os técnicos mais novos e menos experientes ganharem espaço nas obras. Sabe que o papel de xerife já não lhe cabe mais. "Hoje sou mais paizão, não pego tão pesado até porque a qualidade dos operários aumentou, as construtoras já não querem quem não sabe ler e escrever", diz ele.

Dando os últimos retoques em sua 18ª obra como mestre, um condomínio residencial à beira do mar que banha a praia da Enseada, no Guarujá (SP), Francisco já pensa na aposentadoria. Espera continuar no posto, mesmo com tantas mudanças. Há quatro anos, quando completou 40 de vida, conseguiu completar o segundo grau por meio de provas de conhecimento específico e acredita estar preparado para as evoluções que virão. Mas já pensa em se aposentar e seguir o clichê do sonho de quase todos os migrantes. Vai voltar lá para as terras secas de Crateús, na divisa com o Piauí. Quer descansar junto aos parentes e amigos de infância no Ceará, onde vai poder, finalmente, voltar a acompanhar os jogos do seu time do coração. "São Paulo tem de tudo, mas falta uma coisa muito importante: aqui quase nunca passa jogo do Flamengo na televisão".

**Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 14 mar. 2007. Eu & Carreira, p. D6.**